

A relação entre as representações da função materna em uma rede social virtual e a experiência de mulheres no processo gravídico-puerperal

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as representações e relações estabelecidas no *Instagram* para mulheres no período do puerpério. Trata-se de uma pesquisa documental de caráter qualitativo, sobre as publicações de perfis de mães, propondo analisar os conteúdos a partir de narrativas sobre o processo gravídico-puerperal. Foi realizada uma busca na rede social *Instagram*, com enfoque em perfis públicos que se autodenominam como rede de apoio no quesito maternidade. Foram identificadas 349 publicações postadas no período de março a agosto de 2019. Foram selecionadas 152 publicações divididas nas categorias maternidade (61,6%), puerpério (22,5%) e rede de apoio (22,5%). Esta pesquisa possibilitou melhor compreensão sobre as relações entre maternidade e a experiência de trocas em ambiente digital, traçando as principais representações atreladas ao período gravídico-puerperal e possíveis reverberações nas dinâmicas de maternidade das mulheres que acompanham os perfis analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Puerpério. Rede de apoio. Rede social virtual.

Júlia Carina Ornelas Pontes De Oliveira

E-mail:
juliaornellaspsi@gmail.com
Centro Universitário Jorge Amado,
Salvador, Bahia, Brasil

Larissa Figueiredo Bastos Caires

E-mail: laribastos2@gmail.com
Centro Universitário Jorge Amado,
Salvador, Bahia, Brasil

Pablo Mateus Dos Santos Jacinto

E-mail:
pablojacintopsi@gmail.com
Centro Universitário Jorge Amado,
Salvador, Bahia, Brasil

Jessica Fernandes Pinto

E-mail:
jessicafernandespinto@gmail.com
Universidade Federal de Sergipe,
Aracajú, Sergipe, Brasil

INTRODUÇÃO

Para compreender a representação social da mulher nos espaços contemporâneos, é necessário o entendimento da historicidade dos acontecimentos. O lugar que fora atribuído à mulher no que diz respeito ao âmbito social e familiar, permaneceu de forma demasiada vinculado a cuidar dos filhos, marido e tudo que envolvia a vida doméstica. Até os dias atuais, é evidente a diferença existente entre mulheres e homens nos ramos familiares e sociais. A situação de homens e mulheres no mercado de trabalho ainda é desigual, apesar da gradativa investida das mulheres nos ramos de atividades trabalhistas. Os índices ainda apontam a formalização, rendimento e disponibilidade de horas para trabalhar com condições não igualitárias, ainda que as mulheres possuam mais qualificações (SARAIVA; BELLO; RENAUX, 2018; MENUCCI; LEMES; LEAL, 2020).

A constância desses resultados, atestam como a subjugação feminina nos âmbitos sociais ainda é atual. O reconhecimento e valorização da força de trabalho feminino ficam em segundo plano e a atribuição de tarefas e cuidados familiares apenas a mulheres acaba reforçando padrões referentes à figura feminina, originando barreiras para visualização efetiva da sua contribuição no mercado de trabalho, impactando a equidade de gênero, lugar social e, conseqüentemente, qualidade de vida (BRUSCHINI, 2006). O surgimento de outras possibilidades para a vida das mulheres no que diz respeito ao seu âmbito social e familiar, possui como principal característica a complexibilidade marcada por progresso e de retrocessos (TOMAZ, 2015). Levando em conta esse percurso, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2016) incluiu ações aliando aos termos do objetivo de desenvolvimento sustentável para a agenda de 2030 pautas relacionadas ao empoderamento feminino, com desígnio de alcançar a igualdade de gênero.

Entretanto, para que essa realidade seja possível atualmente, é preciso passar por um extenso caminho de percalços e de transformações da cultura no que diz respeito ao papel social da mulher. Essas transformações históricas, culturais e sociais predizem o ser mulher em variados lugares de atuação feminina, inclusive, quanto aos direitos reprodutivos (TOMAZ, 2015). Atualmente, com ajuda das mídias, as representações sociais são propagadas ganhando forma de discurso e imagem (VILLAS BÔAS, 2010). A representação social é um processo social que necessita da interação da sociedade para criar-se uma referência de algo ou alguém e, a partir disso, são atribuídas características e significação específica a pessoas ou grupos a partir de um conhecimento em comum do social, o senso comum, que não necessariamente condiz com os acontecimentos. (VILLAS BÔAS, 2010).

Considerando o processo histórico da mulher na sociedade marcado pelo silenciamento feminino e perpetuado por estratégias patriarcais para explicar, questionar ou ditar as mulheres sobre seus gostos e desejos, não houve a múltipla visibilidade que a subjetividade comportaria. A figura da mulher é costumeiramente atribuída ao emaranhado de crenças que perpassam o feminino, sendo uma delas a maternidade (BUENO; TORTATO, 2019). O romantismo na maternidade, puerpério, emotividade, dedicação total familiar e aos cuidados domésticos tem fundamentos estereotipados, sendo estes contribuintes as representações sociais do feminino comumente atribuída.

Desde muito tempo a maternidade foi idealizada e romantizada, seja ela no meio social, familiar ou cultural. No entanto, a maternidade traz consigo

modificações de estado psíquico, social e biológico da mulher. Em detrimento deste e de outros fatores, o feminino e sua atuação no meio social, bem como as suas representações, não se determinam apenas por aspectos biológicos, todavia, é marcado por ideologias, estereótipos e pela cultura. A gravidez e o período dos nove meses de gestação passaram a dispor de um olhar cultural e social, a partir do momento que surge a ideia de que para que esta receba cuidados, o motivo central é a capacidade da procriação. Em meados do século XVIII, a criança passou a ter um lugar social dentro da família que até então não possuía, direcionando à mãe toda responsabilidade para com os filhos pequenos. A pressão social sobreposta nas mulheres daquela época para que tivessem filhos e sentissem plenamente realizadas com a maternidade era ainda mais propagada. Foi então que começou a ser reproduzida a correlação de um instinto materno, termo esse usado como mecanismo para incutir essas mulheres da existência natural do procriar, parir e cuidar (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014).

Segundo Simone Beauvoir (1970, p. 278) “Não existe ‘instinto’ materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de uma situação e pela maneira por que a assume. É como se acaba de ver, extremamente variável” (DORNA; MUNIZ, 2018, p. 7). O processo de gestação, pré-natal, parto, amamentação e cuidados com o bebê é um momento complexo, distinto e que permeia diversas mudanças biológicas, sociais, culturais e psicológicas na vida da puérpera. O puerpério é o período do pós-parto, onde a mulher se recupera fisicamente, tornando-se vulnerável devido a tantas mudanças (AZEVEDO; ARRAIS, 2005). Segundo o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento do Ministério da Saúde o puerpério é “[...] o período do ciclo gravídico-puerperal em que as modificações locais e sistêmicas, provocadas pela gravidez e parto no organismo da mulher, retornam à situação do estado pré-gravídico” (BRASIL, 2001, p. 175).

Nesse período, os cuidados e atenções estão voltados para o bebê recém-nascido, desconsiderando a recém-mãe e as transformações que perpassam pelo pós-parto, tanto física como psicológicas, atribuindo certa naturalidade ao sofrimento que esse processo pode. Socialmente e culturalmente, é esperada dessas mães a maternidade idealizada, de forma a contribuir com os estereótipos. (MOREIRA; RASERA, 2010). No entanto, a crescente divulgação das mídias sociais trouxe debates importantes, principalmente ao *Instagram*, sobre padrões reforçados pela sociedade, ampliando a visualização de mulheres em locais inexplorados anteriormente, por uma visão cultural patriarcal, e possibilitando uma maior autonomia sobre seu corpo, inclusive quando se refere a proteção e prevenção. Tornando acessível a movimentação de discursos apreendidos no âmbito acadêmico expandindo para a população, tendo alcance de uma variedade de mulheres, visualizando novos comportamentos, inclusive no que se refere a maternidade. Tendo impactos em comportamentos sociais naturalizados e desenvolvendo novos anseios.

Visualizando as modificações da maternidade é possível perceber que, à medida em que as convenções de cada época vão sendo debatidas e confrontadas, no percurso de cada cultura cria-se diferentes formas de experienciar a posição de mulher, incluindo o não desejo da maternidade como afirmação dessa condição. Sendo assim, pelo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), 14% das mulheres não querem ser mães. Esse dado revela uma modificação do status da experiência de gênero com reverberações

Mas também nas noções de família, ao passo em que se passa questionar a correlação da maternidade a um processo natural feminino (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014).

A contemporaneidade revela-se dotada de mudanças significativas no que diz respeito à área da comunicação e informação, sendo capaz de destacar nesses aspectos, as redes sociais e afins como impactante para a sociedade no quesito da evolução tecnológica. Os conteúdos que cercam as redes sociais facilitam a comunicação de maneira complexa e veloz, tornando-a crescentemente acessível à sociedade. Permite-se, com isso, uma visualização de forma mais ampla, que consiga abarcar o maior número de mulheres possíveis e possam discutir sobre suas experiências durante a maternidade e puerpério (SILVA et al., 2013).

De maneira rápida e eficaz, essas informações e notícias são compartilhadas, sejam elas com alto índice de veracidade ou não, transpassando ao sujeito o arbítrio do poder e liberdade de publicarem o que pensam, sentem e acham, incessantemente, de maneira desmedida e insultuosa. Costumeiramente, os comentários negativos que são compartilhados e propagados nas redes sociais, são carregados de estereótipos culturalmente advindos, contudo, o modelo estético de beleza, da maternidade ideal e da vida comedida, bem como, a compreensão do ser mulher, vem denotado de constantes mudanças e conquistas no passar dos anos (SILVA et al., 2013).

A chegada do recém-nascido vem repleta de transformações e sentimentos até então desconhecidos pela puérpera. As crenças nos discursos comumente propagados de como a maternidade é incumbida de bons sentimentos e sensações aprazíveis, são constantemente proferidas, porém, esta não é a realidade vivida por todas as mulheres (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014). Levando em consideração a idealização de um padrão do papel da mulher na sociedade, que ecoa nas atribuições relativas à função materna, e que essa padronização tem impactos significativos na saúde da mulher, contribuindo para a iniquidade de gênero, faz-se necessário compreender a relação entre maternidade e exposição desses posicionamentos nas mídias sociais, pois atualmente a rede social compõe um meio que dialoga com diversos nichos e possibilita uma maior interação sobre as experiências do pós-parto e os sentimentos acerca do ser mãe. Desta forma, permite analisar as experiências das mesmas em postagens relacionadas ao papel social de mãe culturalmente propagado, tendo como foco principalmente quanto às mudanças corporais e sociais que a maternidade vivencia, trazendo novas perspectivas a padrões primitivos existentes, principalmente relacionado a maternidade na contemporaneidade (LEITE, 2014).

O objetivo do trabalho é analisar publicações de páginas em redes sociais que contenham relatos sobre experiências no processo gravídico-puerperal, a fim de debater criticamente as disparidades deste processo.

MÉTODOS

Esta é uma pesquisa documental que adotou a busca de dados contidos em fontes primárias, que outrora não foram analisadas pormenorizadamente. Dispõe de característica de caráter qualitativo, tendo como foco a publicação de mães em redes sociais. Propõe-se analisar os conteúdos a partir de narrativas feitas no *Instagram* sobre o processo gravídico-puerperal.

Os dados foram acessados a partir de contas do *Instagram* com perfil público e grande alcance na rede social. Foram buscadas, para parte deste estudo, publicações feitas a partir de três perfis maternos, administrado por mulheres que consideram o *Instagram* como rede de apoio. Elas levantam debates sobre as diversas experiências do processo gravídico e desconstruem padrões naturalizados na maternidade. Os perfis foram selecionados a partir de uma busca inicial na rede social a partir dos descritores “maternidade”, “mães”, “gravidez” e “puerpério”. Dentre os resultados da busca, foram selecionados três perfis seguindo os seguintes critérios: administrados por mulheres que estavam experienciando ou tinham experienciado o período gravídico-puerperal; frequência de publicação minimamente semanal; e alta taxa de interação do público nos comentários (revelando dialogicidade em torno das publicações). Os perfis selecionados foram: @umcafeumamae, @quemaesoueu e @maeforadacaixa.

Todas as publicações no período de 6 meses (entre março e agosto de 2019) foram lidas integralmente. Os perfis apresentavam produções gerais sobre a experiência da maternidade, porém, para atingir os objetivos desta pesquisa, selecionou-se apenas aquelas postagens relacionadas ao período gravídico-puerperal. Foram coletadas 28 publicações do perfil @umcafeumamae, 32 publicações no perfil @quemaesoueu e 92 publicações no perfil @maeforadacaixa, totalizando 152 publicações que abordam questões relacionadas às mudanças no processo gravídico puerperal. Foram desconsideradas publicações com cunho comercial e de fontes alternativas de especialistas, e foram considerados textos com contribuições das próprias administradoras das páginas e textos autorais.

Foram realizadas análises de conteúdo (Laurence BARDIN, 2006) de publicações no *Instagram* que relatam o período puerperal pelas administradoras dos perfis, trazendo as perspectivas e visualização da maternidade que, apesar de singulares, são compartilhadas por milhares de seguidoras da rede.

Esta pesquisa seguiu as determinações éticas dispostas na Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), sendo dispensável a submissão ao sistema CEP/CONEP por se tratar de informações disponíveis em websites de acesso público.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos foram divididos a partir das temáticas principais, organizadas em categorias. Ao todo, foram analisadas 349 publicações postadas no período de março a agosto, selecionadas 152 publicações divididas em maternidade e mudanças, puerpério e rede de apoio.

A categoria *maternidade e mudanças* foi a mais explorada nos debates em redes sociais, representando 61,6% das publicações. Nessa categoria, foram agregadas publicações que refletiam as mudanças objetivas e subjetivas na mulher em decorrência da nova ou reiterada condição de maternidade. Buscou-se localizar aspectos relacionados a mudanças físicas, nas rotinas e reflexões sobre mudanças psicológicas e de comportamento.

A categoria *puerpério* agregou 22,5% das publicações. Esse período atinge a esfera relacional, a saúde física e mental de mulheres. Foram selecionadas

publicações centradas nos desafios ou conquistas relacionadas a essa etapa da maternidade.

Por fim, é apresentada a categoria *rede de apoio*, com 15,9% das postagens avaliadas. Nessa categoria, buscou-se compreender como se configuram as redes de apoio formal e informal (médicos, família, cônjuge, amigos) e as representações da mulher mãe sobre tais aspectos.

Maternidade e mudanças

As mudanças relativas à maternidade têm ganhado ênfase em estudos científicos. Questões relacionadas à experiência de mães primíparas e a incursão na parentalidade (ZANATTA; PEREIRA; ALVES, 2017), mudanças no corpo (Rubia GIORDANI et al., 2018) e relações de trabalho e carreira (BELTRAME; DONELLI, 2012), por exemplo, despertam interesse acadêmico pela sua interseção com aspecto sociais e psicológicos frequentemente relacionados com a saúde.

O modo como cada mulher vivencia a experiência da maternidade é singular. A forma como as mudanças decorrentes desse momento foram transmitidas através das publicações feitas nos *Instagrams* submetidos a análise, no que diz respeito a maternidade e suas amplas posições contrastantes. Os resultados das publicações relacionadas a maternidade no perfil do *Instagram* @maeforadacaixa correspondem a (71,4%), no @umcafeumamae corresponderam a (8,8%), e no @quemaesoueu corresponderam a (19,8%) das postagens selecionadas.

A partir dos resultados, foi possível identificar o estabelecimento de novas organizações familiares superando padrões pré-existentes. Um ponto central nos dados analisados é a crescente convocação do envolvimento paterno em torno da maternidade.

Desse modo, pode-se perceber o quanto as redes sociais funcionam como um meio de trazer a público as questões particulares e pouco discutidas no escopo da maternidade. A rede social possibilita um novo espaço de construção, onde mulheres são ouvidas e partilham suas expectativas, experiências e frustrações. Uma parte significativa das publicações feitas pelos perfis no *Instagram* relata que, no contexto social e cultural, o tema maternidade gira em torno de obstáculos que são vivenciados, em alguns casos, desde antes da gestação. Abarcando aspectos como a amamentação, retorno ao exercício de suas atividades e a solidão na execução da maternidade.

A solidão da mulher-mãe contemporânea é uma consequência de uma série de processos ligados também ao desenvolvimento do capitalismo. Apesar de existir um estereótipo da mulher-mãe perfeita, dedicada e que se sacrifica ao lar, a prática de cuidados dos filhos, até poucas décadas atrás, se expandia para outros membros da família. Estas eram mais extensas, com filhos mais velhos vivendo na mesma casa até se casarem, avós e ainda outros familiares ou não familiares próximos. O processo de industrialização do capitalismo retirou de dentro das casas os filhos mais velhos, avós, outros familiares e homens. Hoje as casas têm menos crianças, tornou-se um local de exclusividade de pais e filhos, ainda restando à mulher a responsabilidade de cuidar de seus filhos, mas agora cada vez mais isolada dos parentes e de outros contatos sociais. Apesar de as mulheres terem ocupado espaços de trabalho remunerado, quando uma mulher está em

casa, ainda acaba para si a responsabilidade quase total dos filhos (CHODOROW, 1978).

As mudanças no corpo também são expressas como relevantes, e frequentemente aviltantes à autoimagem. Nas postagens, figurava um estímulo à compreensão e naturalização das mudanças que ocorre ao longo da gestação, porém em alinhado a cuidados com a saúde visando, muitas vezes, a autoestima e saúde mental. É possível perceber isso no trecho da publicação feita na página do *Instagram* @maeforadacaixa:

Se você está desapontada com as mudanças físicas que a gestação te trouxe, se dê uma chance. Olhe no espelho com carinho para seu corpo. Lembre da sua cria toda vez que ver seu reflexo no espelho e de toda sua caminhada até aqui. Ame as suas curvas, ame a pessoa que você se tornou por fora, mas principalmente por dentro. Não tem problema se cuidar, é até saudável, mas se cuide porque você ama seu corpo e não porque você o odeia. (@maeforadacaixa, 01/05/2019).

As mudanças no corpo são expressas como relevantes, e frequentemente aviltantes à autoimagem. Nas postagens, figurava um estímulo à compreensão e naturalização das mudanças que ocorre ao longo da gestação, porém em alinhado a cuidados com a saúde visando, muitas vezes, a autoestima e saúde mental.

Dentre os temas abordados, Greyce Beltrame e Tagma Donelli (2012, p. 206-217) afirmam que “as pesquisas voltadas para a conjunção da carreira e da maternidade se deram pela relevância e escassez do tema na realidade brasileira”. As relações entre maternidade e trabalho foram apresentadas como desafiadoras, tanto no momento de pausa da atividade laboral quanto no seu retorno. De fato, a chegada do bebê interfere, positiva ou negativamente, na vida da mulher e as atividades atribuídas à vida profissional ficam muitas vezes temporariamente suspensas. A busca por reinserção no trabalho para mães jovens, quando necessária, é marcada por obstáculos impulsionados pela avaliação das empresas sobre a condição materna:

Depois que a mulher se torna mãe os degraus da escada da sua caminhada profissional aumentam consideravelmente. O fato é que depois da maternidade os degraus crescem de uma maneira tão surpreendente que por vezes acabam se tornando barreiras. E isso é injusto. Preconceituoso. Revoltante. Insano. (@maeforadacaixa, 01/07/2019).

Um outro atenuante, além da dificuldade de reinserção no mercado de trabalho é a dupla ou até tripla jornada. Ainda que esse retorno seja satisfatório, a sobrecarga materna é evidenciada pelo trabalho fora e/ou dentro de casa, além do cuidado com o bebê. Conforme Beltrame e Donelli (2012, p. 206-217) “tanto a paternidade quanto a maternidade têm impacto negativo, mas ser mãe tem um impacto negativo maior, o status materno pode impedir o progresso na carreira”. A valorização da sociedade sobre esse descomedido peso imputado a essa mãe que tem que dar conta de tudo naturaliza processos de sofrimento. Como faz referência a “guerreira” na publicação, sendo uma forma de associar um excesso de tarefas e uma carga desproporcional a uma qualidade.

Meu filho dorme e eu estou deitada no sofá. Não sou guerreira não. Sou só uma mãe que tem certeza que esse negócio de criar filho é coisa para mais de uma pessoa, é um trabalho para uma vila toda. (@maeforadacaixa, 07/06/2019).

As publicações demonstram que, ainda que a contemporaneidade tenha dado passos significativos na igualdade de gênero, os papéis sociais da mulher continuam circulando dentro de um espectro de dona de casa e mãe, até mesmo para aquelas que trabalham fora e ajudam a manter a casa. Os passos avançaram ao proporcionar o diálogo sobre funções predefinidas para homens e mulheres, ao estabelecer campanhas ativas nas mídias sociais no cumprimento de leis que protegem a mulher de agressões e no acesso maior aos estudos e qualificações, conseqüentemente, a uma independência financeira. Ainda assim, mulheres precisaram destacar em suas publicações a continuidade desses paradigmas, o que fica evidente a seguir:

Estou deitada no sofá e tem uma pia de louça para lavar esperando ser lavada. Tem lixo esperando ser levado. Lembro que tem roupa para ser esfregada, dobrada e a outra maquinada pendurada... (@maeforadacaixa, 07/06/2019).

Mas e nós mulheres? Não fazemos isso o tempo todo em casa? E nós que somos mães, então? Dizem que somos sobre-humanas, sabe por quê? É mais fácil dizer que somos extraordinárias, e nos responsabilizar pela casa e pelos filhos, do que dividir toda a responsabilidade. Não caia nesse jogo, nessa armadilha cultural engessada. Você não precisa dar conta de tudo. (@maeforadacaixa, 07/03/2019).

A experiência da maternidade parte de distintas realidades, no entanto, permanece em uma narrativa que denuncia a culpabilização social sobre essas mulheres a partir de discursos normativos. Esses trechos evidenciam um modelo de maternidade imputado por uma lógica capitalista, denominado por Esther Vivas (2019, p. 14) como “*superwoman*”, esse conceito faz referência a uma nova reprodução romantizada de um sistema patriarcal, que penetrada a uma lógica de consumo, exige um comportamento “sobre-humano” dessas mulheres, o que demanda um desempenho profissional, pessoal e familiar extraordinário (VIVAS, 2019).

Vivas (2019) aponta que à mulher contemporânea restou basicamente dois modelos a seguir: a de anjo ou a de *superwoman*. O primeiro modelo é derivado do mito da mãe perfeita, aquela que deve dedicar-se ao extremo, sacrificar-se, ser devota e feliz por ter os seus filhos como prioridade de sua vida, modelo este que tem seus pilares na modernidade ocidental. À medida em que as mulheres foram ocupando cada vez mais o mercado de trabalho e tiveram acesso aos métodos contraceptivos, ter filhos deixou de ser um caminho único para tornar-se uma escolha. Dessa forma, na década de 80, ao passo em que as mulheres se inserem mais intensamente ao mercado de trabalho, há um movimento pró-família e pró-maternidade. Como consequência, surge um modelo de mulher que deve ser devota igualmente aos seus filhos e ao seu trabalho. Tão sacrificadas como as mães de sempre, mas também com uma vida de trabalho e pública ativa e, claro, com o corpo perfeito. O resultado é a frustração e a ansiedade (VIVAS, 2019).

Ainda de acordo com essa autora, o que não é dito é que o fracasso faz parte do papel de mãe. O mito da mãe perfeita só serve para culpabilizar e estigmatizar as mulheres que se afastam dele. O mito responsabiliza a mulher pela felicidade de seus filhos e ignora todos os outros condicionantes. Qualquer tropeço na trajetória dos filhos, resta à mulher a culpa. Por outro lado, ter a maternidade como uma escolha tornou mais complexa a maternidade. A mulher-mãe passou a ser condenada por não estar integralmente dedicada e disponível ao trabalho, bem como por não se dedicar e cuidar dos filhos o suficiente. Hoje, o que há é um malabarismo constante para compatibilizar criança, vida profissional e vida pessoal. O paradoxo, para Vivas (2019), está que em nome da igualdade, minimiza-se o trabalho da mulher na gravidez, parto e amamentação, exigindo, por exemplo, um retorno ao trabalho o mais rápido possível. Os trechos da publicação do Instagram anteriormente destacados atestam essa realidade. A mulher que deve “dar conta de tudo” materializa a *superwoman*, e isso pode camuflar a manutenção de padrões sociais opressores sob uma suposta emancipação, não vivenciada no plano real.

Puerpério

O percentual de publicações sobre puerpério dentre as selecionadas foi distribuído da seguinte forma: @maeforadacaixa produziu 47,1% das publicações relacionadas ao puerpério, @umcafeumamae publicou 23,5% e @quemaesoueu publicou 29,4%. Foi possível visualizar que o puerpério ainda é um tema pouco discutido e explorado, mesmo em redes voltadas à maternidade. No entanto, é crescente a procura sobre a experiência do puerpério e os sentimentos que o envolvem, principalmente o anonimato sentido pelas mães nesse período. As publicações dão passos significativos na desculpabilização da mãe no processo do pós-parto, trazendo relatos de vivências da perspectiva materna ao longo dessa experiência, a fim de pontuar os sentimentos mais proeminentes nessa fase. As publicações salientam a importância do cuidado e desse momento para a relação com o recém-nascido, mas também dão ênfase na dificuldade de passar por esse processo estando na figura de coadjuvante, sendo o bebê o centro da atenção.

Sim, há uma novidade. Um bebezinho fofinho super novinho e que todos estavam loucos para conhecer. Ele é a sensação do momento e tudo bem, não é uma disputa. Claro que não! Mas ali, logo atrás daquele bercinho transparente que a maternidade tem, também, uma mãe recém-nascida. Olha pra ela. Está confusa, cheia de perguntas sem respostas e, ao mesmo tempo, louca de amor. (@umcafeumamae, 21/08/2019)

Por isso, eu te peço: não caia na armadilha de achar que o seu nascimento como mãe é a morte da mulher que você é. Por favor, não acredite nisso. Eu sei que no início o foco é o bebê e a entrega para a maternidade. A vida muda da noite para o dia. Se adaptar à nova realidade leva tempo. Claro que é intenso. É uma entrega surreal, sem precedentes. (@maeforadacaixa, 01/05/2019).

A invisibilidade da mulher no período do pós-parto tem sido debatida no campo da saúde. Impactos no autocuidado e na alimentação foram destacados por Luciana Moreira et al. (2019) ao constatarem que a priorização em relação ao bebê

leva a certo descompromisso com o autocuidado físico materno. No campo da psicologia, a preocupação crescente refere-se à depressão pós-parto, marca desse período, que tem relação com a nova realidade vivenciada pela mulher após a gestação (GREINERT; MILANI, 2015). Observa-se que as publicações têm apontado esse período como um momento de descobertas, mas reafirmando as fragilidades que envolvem a mulher puérpera.

As incertezas e indefinições dos primeiros meses de vida do bebê, bem como as profundas transformações no puerpério, costumam modificar a ideia da maternidade idealizada, trazendo à tona sentimento ambivalentes de alívio e euforia, cansaço e satisfação, experiência do parto e dificuldades com a amamentação. Segundo afirmação feita por Edinara Zanatta, Caroline Pereira e Amanda Alves (2017, p. 3), “é comum a presença do sentimento de ambiguidade: se por um lado a mulher sente-se feliz em ser mãe, por outro lado surgem preocupações e dúvidas sobre sua capacidade de exercer a maternidade”. Com base nas publicações, é de grande valia salientar o quanto o período gravídico puerperal ultrapassa os fatores biológicos, perpassando também por fatores sociais, históricos, culturais e emocionais.

A barriga foi crescendo, os meses foram passando e meu filho chegou. Ao mesmo tempo que fui conhecendo meu pequeno fui também me conhecendo como mãe. Constatei que puerpério dói e que não é nada romântico como as propagandas dizem. (@maeforadacaixa, 04/06/2019).

É que existe um tabu que a gente não pode falar que as coisas não estão tão lindas da forma que imaginávamos que seriam. É muito importante falar desse luto. Falar que não está tudo bem, falar que você sente falta, caso sinta, de quem você era. O processo de reprimir essas sensações, de ter vergonha de falar, visto que a internet nos mostra, diariamente, as mães perfeitas, é doloroso, faz mal e nos deixa ainda mais tristes e culpadas. (@maeforadacaixa, 21/07/2019).

O puerpério trata-se não somente como a adaptação a chegada de um recém-nascido, mas também como um período de reconstrução da identidade das mulheres enquanto mães. Tratando-se das publicações que foram analisadas, as puérperas revelaram desconforto pela atenção focalizada no bebê. Nesse âmbito, analisamos que essas mulheres legitimam o próprio lugar para além da condição de mãe, uma vez que, em alguns relatos, são negligenciadas por suas redes de apoio. Vale salientar ainda que é possível que a mulher que esteja vivenciando o puerpério não queira a presença ou ajuda de pessoas próximas, revelando distintas maneiras de recorrer ao apoio fornecido. Essa recusa parte, muitas vezes, da necessidade de autoconhecimento e adaptação à nova condição.

A mulher, teoricamente, ganha voz nas redes sociais ao buscar novas formas de expressão e de compartilhamento de suas angústias, não só sobre esse novo papel, mas também, na sua relação consigo mesma. É possível perceber um movimento maior em busca de despertar sobre a necessidade do olhar para essa mãe que também está se descobrindo enquanto mãe, se reconectando com sua identidade e que também precisa de uma rede de apoio. É perceptível que, ainda que sejam utilizados e cientificamente conceituados, algumas fases, como o puerpério, ainda possuem um período

subjetivo que é negligenciado e atua de forma a dificultar a compreensão da individualidade, continuando a restringir o período a partir de uma visualização biológica e desconsiderando o processo de cada mãe. “A gente tenta fugir dessa sensação. “A gente acha que é uma fase, mas o fato é que quando nos tornamos mães, nos tornamos também um pouco invisíveis.” (@umcafeumamae, 20/05/2019).

Independente das condições maternas, o acompanhamento do pós-parto precisa de uma atenção integrada. Estão envolvidos no processo a mãe, o bebê e a família, sendo essas esferas interrelacionadas e interdependentes. Entretanto, pôde-se perceber que, não havendo nenhuma intercorrência no parto, é enfraquecida a preocupação em relação à mulher. Como consequência, a presença de apoio é menor, aumentando a sobrecarga. Observou-se que as redes sociais adentram o cotidiano de mulheres que buscam um apoio alternativo, não encontrado no seu contexto. É um espaço de exposição, que contrasta com a invisibilidade do período. A atribuição de um anonimato ao período do puerpério é tão comum que as publicações, mesmo que indiretamente, fazem referência a uma ausência de si, como se as próprias mulheres fossem levadas a ignorar-se após um parto bem sucedido.

As publicações que envolvem o puerpério contêm palavras como dúvidas e inseguranças sobre esse período, bem como a experimentação de sentimentos como felicidade e emoção. Entretanto, ao mesmo tempo, as mulheres dizem sentir cansaço, medo, frustração, desânimo e culpa. Visto que, apesar das recompensas de possuir o seu bebê saudável em suas mãos, são realizados esforços que demandam dessa mãe. Embora muitas se sintam realizadas, também se deparam com um sentimento cuja dimensão era desconhecida, este que conflita com o que culturalmente é propagado sobre o amor e a felicidade em parir. Foram levantados debates sobre a culpa de não sentir, a princípio, o sentimento de amor materno esperado culturalmente. A ambiguidade de sentimentos é marca do período. Nesse sentido, uma das administradoras dos perfis relata:

Com toda certeza te amei quando você chegou. Porém sempre escutei que o amor materno era algo de outro mundo. Que assim que o bebê nascia a mágica acontecia e que aquele amor brotava com uma força descomunal. E eu então, mesmo te amando, me achei uma estranha. Que amor é esse que tanto falam? Que mágica é essa que tanto dizem? Sentia sim, necessidade de te cuidar, te proteger, mas aquela coisa louca não senti. Essa sensação demorou pra me visitar. Eu observava os olhos do seu pai brilhando enquanto te olhava e eu me culpava, me achava incompetente por não amar meu próprio filho... (@maeforadacaixa, 04/06/2019).

Emerge, então, a rede social, mais precisamente o *Instagram*, como meio de relatar esses sentimentos que circundam o mundo materno e que, muitas vezes, ficam guardados com cada mãe. A abordagem do puerpério nas mídias sociais preenche uma lacuna que, por muitos anos, ficou omissa e naturalizada pelos processos culturais. Traz uma possibilidade infinita de interações com o público parturiente, e torna viável o diálogo de mulheres que estão passando pela mesma situação com novas visualizações sobre seus papéis. Compartilham inseguranças que não estão sendo direcionadas apenas ao cuidado com o bebê, mas com o seu novo corpo após a gestação, principalmente nesse período de transição. Indagam

sobre o momento de ser mãe e a saudade de não ter filho, sobre as relações sociais durante e depois de ser mãe e ainda, sobre o tempo de cada mãe.

Porque eu, eu era uma mãe que acabara de ter seu sonhado bebê, eu saí da maternidade uma mãe feliz e realizada, e aquela pessoa que habitava naquele corpo dolorido, aquela que só chorava por qualquer motivo, não conseguia dormir apesar de todo cansaço, aquela pessoa não estava preparada para ser mãe, não queria receber ninguém apesar de toda felicidade a ser compartilhada... (@quemoesoueu, 25/08/2019)

É possível perceber um novo caminho a ser percorrido a partir das relações que aparecem nas publicações. Novos caminhos já possíveis de se visualizar no que se refere ao processo de acompanhamento da gestação, como o pré-natal psicológico - processo que busca amenizar o impacto no pós-parto - e as novas abordagens sobre psicologia perinatal - a qual acompanha o processo gravídico-puerperal.

Rede de apoio

Para Andrea Rapoport e Cesar Piccinini (2006, p. 86), “apoio social pode ser definido como uma provisão do ambiente social e um importante aspecto de troca entre a pessoa e o mundo social”. É importante pensarmos na magnitude significativa que a rede de apoio exerce na vida da mãe, em especial, no pós-parto, visto que a mulher, recém mãe, vivencia muitos sentimentos que outrora não conhecia e encontra barreiras que podem dificultar sua retomada de atividades. Nessa categoria, o perfil @maeforadacaixa foi responsável por 30,8% das publicações; o perfil @umcafeumamae foi responsável por 46,2%; e o @quemoesoueu publicou 23,1% dos textos analisados. É importante destacar que esse tema foi o menos debatido dentre as três categorias aqui elencadas.

Como visto nas outras categorias, através dos relatos das postagens, foi possível perceber o quanto as mães acabam embarcando em um emaranhado de novas vivências, variando da felicidade à angústia. A despeito da solidão que pode acometer a mulher na trajetória de maternidade, principalmente em uma sociedade que garante a ela o principal papel sobre a educação e cuidados com os filhos (MCCALLUM; REIS, 2006; ARTEIRO, 2017), as redes de apoio figuram como um suporte essencial. Essa rede, em geral, inclui a família, os amigos, colegas de trabalho e, conforme vislumbrado neste trabalho, as redes sociais virtuais. Em uma situação ideal, toda a rede participa ativamente, proporcionando minimizar parte do desgaste físico e emocional no que diz respeito aos cuidados com o recém-nascido e os percalços da maternidade.

Nas postagens dos perfis que foram submetidas à análise, foi possível constatar o quanto a família ocupa grande espaço no suporte materno, considerada um ponto de partida para o compartilhamento de histórias, ainda que essa não seja a realidade de todas as mulheres. A análise, entretanto, demonstrou que esse suporte não é unânime e, mesmo quando existente, não substitui as responsabilidades da mãe. Curiosamente, as postagens revelaram que junto com o suporte social emergem questionamentos sobre a culpabilização das atitudes maternas em relação ao bebê. Ou seja, aqueles que deveriam auxiliar (avós e companheiros, notadamente) com frequência adotam posturas inquisidoras.

A recém-mãe que ainda está se adaptando a tantas mudanças significativas, ao deparar-se com diversos palpites e direcionamentos distintos, acionam um julgamento de si, fomentando angústia e culpa. Nesse sentido, a estratégia elencada pelos perfis estudados se pauta na união de pessoas que passam pela mesma situação. A rede social, mais uma vez, protagoniza como espaço de troca e de suporte, pois é através dela que inúmeras mães conseguem apoio de quem vivenciam experiências semelhantes sincronicamente:

Quando a gente fala em rede de apoio ficamos sem saber o que podemos fazer pela outra e também com dificuldade de pedir ajuda. Mas se olharmos com cuidado é muito provável que a gente sempre encontre alguém que nos ajude e alguém que esteja precisando da nossa ajuda. O que fazemos por outra mãe ou que recebemos de outra mãe muitas vezes pode ser grande, em outras pode ser pequeno, mas com certeza nunca será esquecido. (@umcafeumamae, 10/05/2019).

O envolvimento paterno também emerge nas publicações. O desenvolvimento deste papel tem grande impacto sobre a nova mãe, que apresenta necessidades de suporte subjetivo, mas também prático para lidar com as atividades objetivas do cotidiano. Entretanto, percebe-se que esse suporte ainda é visto como secundário, sendo a mãe a principal detentora da trajetória da parentalidade, principalmente nos períodos iniciais. As publicações denunciam que ao pai, com frequência, resta a posição de “ajudante”, não havendo uma cobrança social para seu papel de protagonista nos cuidados do recém-nascido.

Entretanto, é importante trazer à tona que os pais que convivem com seus filhos crescentemente estão sendo convocados e alertados para uma postura ativa na participação e engajamento no desenvolvimento da criança nas postagens. Presença esta não somente com atuação financeira, mas no cotidiano. Deve ser incluído a presença no desenvolvimento emocional da criança e na divisão de tarefas domésticas. Refletindo não só sobre a importância de estar implicado como pai, mas reconhecer a carga física e emocional da mãe para com o bebê, ainda que apareça como uma lacuna a ser preenchida. Bruna Souza, Simone Souza e Rosana Rodrigues (2013, p. 173) salientam que:

A participação dos pais em relação aos cuidados com o bebê e com as tarefas domésticas é algo característico da contemporaneidade, que vem acompanhado das mudanças dos relacionamentos entre os casais, também como consequência dos novos papéis que a mulher vem assumindo, na sociedade.

A divisão de papéis em relação ao cuidado com os filhos tem sido representada em postagens assumindo, em geral, um caráter positivo. Entretanto, conforme conota a postagem destacada a seguir, o papel do parceiro continua sendo encarado como secundário, um auxílio à mãe, a real responsável pelos cuidados com a criança.

Isso é dividir a carga. É ser paz quando o outro enlouquece. É fazer sem que ninguém precise pedir, é ocupar espaços, mesmo que não estejam vazios. E, acima de tudo é reconhecer que ela faz mais, muito mais (@quemaesoueu, 13/06/2019).

Entretanto, ao analisar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001-2009), na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, observa-se que na realidade brasileira o suporte de cônjuge não é unanimidade à nova mãe. Segundo consta, 17,4% das famílias são constituídas por mães, sem cônjuge e com filhos. De acordo com dados atualizados de 2015 (IBGE, 2001-2015) fica em evidência que em 40,51% das famílias a mulher está como referência. Questiona-se, diante desse quadro, se o suporte efetivo tem chegado a essas mulheres mães e quais estratégias de governo podem ser lançadas para garantir qualidade de vida a esse público. O seguinte relato coletado especifica a situação da mulher sem rede de apoio:

Nesses quase dois anos eu abdiquei de mim mesma para viver a maternidade. Sob olhares de reprovação, palpites e pena. Sim, algumas pessoas sentem pena de você por você ter se deixado um pouco de lado. Além de tudo, não conto com rede de apoio, a não ser do pai do meu filho, que trabalha direto. Vez ou outra olhava pra minha vida materna e pensava: então é isso? Peito vazando, barriga flácida, choro, olheiras, fraldas de cocô? É nisso que minha vida se transformou? Vai ser sempre assim? Em tempo, sentia a máxima felicidade em ser mãe, eu amava (amo) esse menino com uma força descomunal, mas sempre vinham essas indagações (@umcafeumamae, 17/07/2019).

Portanto, a rede de apoio não é unânime nem homogênea ao se considerar diferentes perfis de mulheres. No Brasil, as famílias chefiadas por mulheres têm se expandido. Grande parte dessas famílias, especialmente as que se encontram em situação de vulnerabilidade, são encabeçadas por mulheres negras. Quanto a essa questão, Edilaine Cardoso e Fernanda Cockell (2016) retrataram que as vivências de mulheres negras no período gravídico puerperal são marcadas por violações e silenciamentos, seja na rede de saúde ou nos demais ambientes em que frequentam. Essas mulheres ainda demonstram uma rede de apoio pouco efetiva, quando comparadas às mulheres de classes mais ricas.

A integração das redes sociais como suporte veio de forma não planejada. Apesar de cada perfil selecionado possuir administradoras diferentes, é possível captar trocas entre os perfis e entre cada perfil e seus usuários. Partindo de um objetivo de descarregar a ambiguidade de sentimentos vivenciados durante o processo gravídico-puerperal, forma-se uma rede de acolhimento na qual as dúvidas são melhor recebidas e reforça-se a necessidade de não tecer julgamentos sobre as mães em busca de apoio:

Sabem qual o sentido de uma rede de troca seja ela virtual ou não? É que você pode achar que um problema está acontecendo só com você e, logo, vem a culpa. Daí, quando jogadas as cartas na mesa, quando o desabafo chega, chega também o alívio. E vemos que não é só na nossa casa. Não é só com a gente. (@maeforadacaixa, 03/05/2019).

Dessa forma, pode-se visualizar que – para além dos clássicos personagens das redes de apoio a novas e reiteradas mães – as redes sociais virtuais podem ir na contramão da construção de estereótipos negativos sobre a maternidade, despontando como um novo espaço de acolhimento e compartilhamento com grande reverberação nas relações estabelecidas entre pares. Por outro lado, especialmente em momentos de intensificação de construção de relações em

redes sociais virtuais, é importante reafirmar que estas não são aqui defendidas como substitutas às redes de apoio familiar e comunitária presenciais, já demonstradas essenciais às mulheres mães. Torna-se fundamental, portanto, considerar as interações estabelecidas no meio virtual para compreender as novas configurações de experiência materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo compreendeu diferentes fases e desafios para que pudessem ser feitas algumas análises sobre como a rede social, mais precisamente, o *Instagram*, pode servir como rede de apoio para mulheres que estão vivenciando o período gravídico-puerperal. É fundamental considerar que relatos pessoais possuem uma riqueza de detalhes e fidedignidade, com grande potencial de análise com base na realidade vivida por cada mulher, uma vez que, a troca de experiências, diálogos e postagens possibilitam a oportunidade de ressignificar dores, conflitos e os sentimento ambivalentes presentes na vivência da maternidade. Sendo, assim, uma porta para expansão de contextos, criando maiores espaços para a atuação psicológica e dando a importância adequada a um suporte global.

Foi identificado o incômodo da invisibilidade materna no período gravídico-puerperal, frequentemente centrado no bebê. Por outro lado, as postagens revelaram a romantização que ainda engloba a experiência da maternidade, mesmo quando esta se revela pouco prazerosa.

Pôde-se alcançar o objetivo do trabalho ao ser possível vislumbrar as expressões da maternidade através da rede social virtual, sendo identificados fatores acerca da maternidade (experiências, dificuldades, padrões culturais) já pontuados na literatura. Ganha destaque a uma crescente demanda por parte dos perfis analisados no que diz respeito a debates sobre rede de apoio no período puerperal. Desse modo, alerta-se para a necessidade da instauração de políticas que revertam a cultura que deposita na mãe a maior parte das responsabilidades sobre a parentalidade.

Não é possível afirmar com veemência que as redes sociais virtuais podem substituir, ou, até mesmo, servir como rede de apoio de todas as mães de forma isolada. Por outro lado, constata-se o potencial dessas redes como contexto de troca, educação e acolhimento, que pode reverberar na saúde das mães que buscam esses espaços. As redes sociais analisadas têm se prestado a interrogar a participação efetiva das redes de apoio social na maternidade, bem como tensionar uma modificação cultural sobre a função materna.

Questões relacionadas aos aspectos socioeconômicos também não puderam ser exploradas, mas entende-se aqui que as perspectivas apresentadas referem-se a um perfil seletivo com acesso à internet, o que não representa a totalidade populacional brasileira – apesar do largo crescimento das condições de acesso às tecnologias ao longo deste século.

Como limitações deste estudo, sinalizamos a efemeridade das publicações, que podem ser editadas e dificultar novas análises fidedignas ao período em que foram originalmente coletadas. Destacamos também a ausência de perfis protagonizados por mulheres lésbicas ou homens trans, o que pode ter distanciado temáticas referentes à gestação para esses públicos. Por outro lado, os perfis

foram escolhidos por sua grande abrangência e, dentre os usuários que interagem com as postagens, puderam ser identificadas mães de diversas configurações. Ademais, buscando ampliar os conhecimentos sobre o campo, sugere-se que novos estudos sejam realizados com foco nos perfis maternos que fogem ao critério tradicional de cis-heterossexualidade.

The relation between representations of maternity in a virtual social network and the experience of women in the pregnancy-puerperal process

ABSTRACT

This research aimed to understand the reverberation of the use of *Instagram* for women in the puerperium period. It is a qualitative documentary research on the publications of mothers' profiles, proposing to analyze the contents of narratives about the pregnancy-puerperal process. A search was carried out on the *Instagram*, focusing on public profiles that stand out as support network for maternity. 349 publications posted from March to August 2019 were found and 152 publications were selected, divided into the maternity (61.6%), puerperium (22.5%) and social support (22.5%) categories. This research enabled a better understanding of the relationship between motherhood and the experience of exchanges in a digital environment, tracing the main representations linked to the pregnancy-puerperal period and possible reverberations in the dynamics of maternity of women who follow the analyzed profiles.

KEYWORDS: Maternity. Puerperium. Social support. Virtual social network.

La relación entre las representaciones de la función materna y la experiencia de las mujeres en el proceso embarazo-puerperio en una red social virtual

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender la reverberación del uso de *Instagram* para las mujeres en el período puerperio. Se trata de una investigación documental cualitativa sobre las publicaciones de los perfiles de las madres, que se propone analizar los contenidos de las narrativas sobre el proceso embarazo-puerperio. Fue realizada una búsqueda en la red social *Instagram*, centrándose en los perfiles públicos que se autodenominan como una red de apoyo en la maternidad. Fueron identificadas 349 publicaciones hechas en el período de marzo a agosto de 2019. Fueron seleccionadas 152 publicaciones divididas en categorías de maternidad (61,6%), puerperio (22,5%) y red de apoyo (22,5%). Esta investigación permitió una mejor comprensión de la relación entre la maternidad y la experiencia de los intercambios en un entorno digital, rastreando las principales representaciones vinculadas al periodo embarazo-puerperio y las posibles reverberaciones en las dinámicas de maternidad de las mujeres que siguen los perfiles analizados.

PALABRAS CLAVE: Maternidad. Puerperio. Red de apoyo social.

REFERÊNCIAS

ARTEIRO, Isabela Lemos. **A Mulher e a Maternidade**: um exercício de reinvenção. Tese (Doutorado). Programa de Doutorado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco. 2017.

AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.19, n.2, p.269-276, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a13v19n2.pdf>>. Acesso em: 15/04/2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BELTRAME, Greyce; DONELLI, Tagma. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, dez. 2012 .

BRASIL, Ministério da Saúde. **Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à saúde**. Brasília/Brasil, 2001, p.176. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/temas-de-atuacao/mulher/saude-das-mulheres/enfrentamento-a-mortalidade-materna-menu/parto-aborto-e-puerperio-assistencia-humanizada-a-mulher-ms>>. Acesso em: 13/04/2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Depressão pós-parto: causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. Brasília/Brasil, 2019. Disponível em: <<http://saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/depressao-pos-parto>> Acesso em: 07/10/2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução No. 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília, DF. 2016.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo , v. 23, n. 2, p.331-353, Dec. 2006.

BUENO, Juliana Fonseca da Silva; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Das parteiras à medicina obstétrica: uma breve reflexão sobre o processo de cientificização do parto no Brasil do século XIX. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 12 n. 40, p. 265-277, jul./dez., 2018.

CARDOSO, Edilaine Marcio; COCKELL, Fernanda Flávia. Atenção à saúde da mulher negra no ciclo gravídico puerperal: percepções em primeira pessoa. **R. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 12, n. 24, p. 1-25, jan./abr. 2016.

CHODOROW, Nancy. **The Reproduction of Mothering**: Psychoanalysis and the Sociology of Gender. Berkeley: University of California Press, 1978.

DORNA, Livia; MUNIZ, Helder. O maternar como atividade de trabalho. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** v. 13, n. 2, São João del Rei, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v13n2/11.pdf>>. Acesso em: 29/04/2019.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri; PICCOLI, Daniele; BEZERRA, Islândia; ALMEIDA, Claudia Choma Betttega. Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 8, p. 2731-2739, ago. 2018.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014 ..

GREINERT, Bruna Rafaela Milhorini; MILANI, Rute Grossi. Depressão pós-parto: uma compreensão psicossocial. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 26-36, abr. 2015 .

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Séries Históricas estatísticas família e domicílios**. 2001-2015. Disponível em: <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=6&op=0&vcodigo=FED307&t=pessoas-referencia-familia-sexo>> Acesso em: 02/10/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Séries Históricas estatísticas família e domicílios**. 2001-2009. Disponível em: <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=6&op=0&vcodigo=FED304&t=tipos-familia>> Acesso em 02/10/2019.

LEITE, Mirlane Gondim. Sentimentos advindos da maternidade: revelações de um grupo de gestantes. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 19, n. 1, p. 115-124, Mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n1/12.pdf>>. Acesso em: 13/04/2019.

MCCALLUM, Cecilia; REIS, Ana Paula dos. Re-significando a dor e superando a solidão: experiências do parto entre adolescentes de classes populares atendidas em uma maternidade pública de Salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 7, p. 1483-1491, July 2006 .

MENUCCI, Julia; LEMES, Luiza; LEAL, Julia. História das mulheres: a dicotomia públicaprivada e a desigualdade salarial feminina no mercado de trabalho do Estado do Rio Grande do Sul. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 137- 153, jan./jun. 2020.

MOREIRA, Luciana Novaes; BARROS, Denise Cavalcante de; BAIÃO, Míriam Ribeiro; CUNHA, Marize Bastos. “Quando tem como comer, a gente come”: fontes de informações sobre alimentação na gestação e as escolhas alimentares. **Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]**. v. 28, n. 03, 2019.

MOREIRA, Renata Leite C. Aguiar; RASERA, Emerson F. Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v.22, n.3, p.529-537, Dec. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n3/v22n3a13.pdf>> Acesso em: 11/04/2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Glossário de termos do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5**. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/06/Glossario-ODS-5.pdf>> Acesso em: 29/04/2019.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar. Apoio social e experiência da maternidade. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo , v. 16, n. 1, p. 85-96, abr. 2006.

SARAIVA, Adriana ; BELLO, Luiz; RENAUX , Pedro. **No Dia da Mulher, estatísticas**

sobre trabalho mostram desigualdade. [S. l.], 10 abr. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20287-no-dia-da-mulher-estatisticas-sobre-trabalho-mostram-desigualdade>> Acesso em: 22/05/2019.

SILVA, Denise Rodrigues Nunes da; FRIZZI, Fernanda Navarro, SILVA JÚNIOR, Jorge Rufino da; CABESTRÉ, Sonia Aparecida; SANTOS, Thiago Roberto Gamonal. **Redes Sociais e Relacionamento Interpessoal – Um Estudo no Âmbito Universitário** [...]. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2013, Bauru. São Paulo: [s. n.], 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0579-1.pdf>> Acesso em: 11/04/2019.

SOUZA, Bruna; SOUZA, Simone; RODRIGUES, Rosana. O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da perda da autonomia. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 166-184, jun. 2013.

TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, n. 29, p. 155-166, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n29/1982-2553-gal-29-0155.pdf>>. Acesso em: 15/04/2019.

VILLAS BÔAS, Lúcia. Uma abordagem da historicidade das representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 379-405, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a0540140.pdf>> Acesso em: 13/04/2019.

VIVAS, Esther. **Mamá desobediente: una mirada feminista a la maternidad**. Espanha: Capitán Swing Libros, 2019.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline; ALVES, Amanda. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 13, n. 1, p. 1-16, 2018.

Recebido: 28/04/2020.

Aprovado: 08/09/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.12127.

Como citar: OLIVEIRA, Júlia Carina Ornelas Pontes de; CAIRES, Larissa Figueiredo Bastos; JACINTO, Pablo Mateus Dos Santos; PINTO, Jessica Fernandes. A relação entre as representações da função materna em uma rede social virtual e a experiência de mulheres no processo gravídico-puerperal. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 492-511, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Júlia Carina Ornelas Pontes de Oliveira

Av. Luís Viana Filho, 6775 - São Marcos, Salvador – BA

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

